

## **O TREM-DE-FERRO E O CINEMA EM MONTES CLAROS-MG: a projeção de um divertimento pelos trilhos do sertão mineiro**

Rogério Othon Teixeira Alves<sup>1</sup>  
Georgino Jorge de Souza Neto<sup>2</sup>  
Luciano Pereira da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Objetiva-se discutir as modificações sofridas no cinema da cidade de Montes Claros- MG e o que isso influenciou no hábito de divertimento de uma parcela da população, fundamentalmente após a implantação da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1926. Buscou-se em periódicos a partir dos anos 1920 as informações necessárias, sendo também acessada obras de memorialistas que tematizaram o cinema da época. Percebe-se como evidente a correlação entre o desenvolvimento da experiência do cinema em Montes Claros-MG, no que tange a aspectos como acesso, quantidade e diversidade de filmes, qualidade dos equipamentos, bem como sua permanente manutenção, com a chegada do trem de ferro, no ano de 1926.

**Palavras-chave:** ferrovia; cinema; divertimento.

### **The train and the cinema in montes claros-mg: projecting amusement through the railways from the hinterland of Minas Gerais**

**Abstract:** The objective is to discuss the modifications experienced in the cinema of Montes Claros-MG and what it has influenced on a share of the population's entertainment habits, fundamentally after the implementation of the Central Brazilian Railroad Station in 1926. The necessary data was searched on journals from 1920 and on, as well as on pieces by memoir writers who focused on the cinema of that time. Apparently, it is evident the correlation between the development of the experience of the cinema in Montes Claros-MG (regarding aspects like access, quantity and quality of films, equipment quality, as well as its permanent maintenance) and the railroad beginning in 1926.

**Key words:** railroad; cinema; entertainment.

### **El ferrocarril y el cine en montes claros: la importancia de los carriles para la diversión en el interior de Minas Gerais**

**Resumen:** Este estudio tiene por objeto discutir las modificaciones ocurridas en el cine de la ciudad de Montes Claros (Minas Gerais) y lo que eso influenció en el hábito de diversión de una parte de la población, especialmente después de la implantación de la estación *Estrada de Ferro Central do Brasil*, en 1926. Se buscó en periódicos de los años 1920 las informaciones necesarias y también obras de memorialistas que tematizaron el cine de la época. Se percibe como evidente la correlación entre el desarrollo de la experiencia del cine en Montes Claros, en lo que se refiere a aspectos como acceso, cantidad y diversidad de películas, calidad de los equipos, así como su permanente mantenimiento, con la llegada del tren en el año 1926.

**Palabras clave:** ferrocarril; cine; divertido.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; rogerioothon@gmail.com; Montes Claros-MG; Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; netogeorgino@gmail.com; Montes Claros-MG; Brasil.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; professor do curso de Educação Física e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG; lpereira45@hotmail.com; Belo Horizonte-MG; Brasil.

## Introdução

1926 é um ano marcante na história da cidade de Montes Claros, situada na região Norte de Minas Gerais. Segundo o memorialista Nelson Vianna (1956, p.156), “[n]unca houve para Montes Claros um mês de agosto tão lindo como aquele do ano de 1926, nem época tão amável como a da expectativa da próxima inauguração da Central do Brasil, na cidade”. Naquele momento, inaugurava-se o ramal ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil ligando a cidade com o sul do país.

A ideia de uma ferrovia que atendesse a região de Montes Claros existia desde a segunda metade do século XIX (Silva; Alves, 2016). Por isso o ano de 1926 é emblemático, considerando-se os significados que a ferrovia “trazia” e que habitou por muitos anos o imaginário local, pois, supostamente através dela, os aludidos ventos do progresso e da civilidade se estabeleceriam na região à medida que a locomotiva aportasse à estação ferroviária. Assim, podemos entender que,

[...] como na maioria das cidades brasileiras, parte da população de Montes Claros almejou o progresso e a civilidade que eram propagados nos Oitocentos. Porém, possivelmente devido a sua localização interiorana, as transformações ocasionadas pela tal modernidade era um desejo vagaroso e distante das suas possibilidades, ainda no decorrer do século XIX (SILVA; ALVES, 2016, p.62).

Autores como Souza Neto et al. (2011) sustentam que, mesmo que os aspectos advindos da modernidade chegassem ao sertão mineiro com relativa demora, não é plausível que estivesse desconectado dos eventos das capitais: o distanciamento não pressupunha estagnação. Como exemplos, antes da chegada da ferrovia em Montes Claros, notam-se alguns marcos da modernidade local: a imprensa teve início em 1884 (VELLOSO, 1897); a implantação da energia elétrica deu-se em 1917 (BRITO, 2006), força que possibilitou a criação do cinema no mesmo ano (RODRIGUES, 2011), e além destes, o primeiro caminhão chegou à cidade em 1920 (PAULA, 1957).

O cinema, objeto de interesse deste estudo, era um equipamento de divertimento que demandava eletricidade para o funcionamento do projetor e tinha suas sessões nos períodos em que as pessoas estavam livres das obrigações cotidianas. Semelhante ao que analisou Daniel Roche (2000) em Paris, abordando o nascimento dos costumes modernos de consumo a partir do século XVII, em Montes Claros, esta rotina estabeleceu uma nova dinâmica do uso do espaço urbano no período noturno, propiciado pelo advento da luz elétrica e do cinema. Em *História das coisas banais*, Roche (2000, p.158) diz que a “capacidade de controlar as técnicas de iluminação conferia uma maior possibilidade para organizar os modos de vida especializados e separados; permitia uma maior mobilidade, um outro estilo de intimidade, outros lazeres [...]”.

Como característica da modernidade, instituía-se com o cinema uma nova cultura urbana proporcionada pela imagem projetada, massificando um novo público a partir de um divertimento moderno (CHARNEY, 2004). Em sua trajetória histórica, ainda que fosse um empreendimento comercial, para a assistência, paradoxalmente, o cinema

transcendia o real em contraponto à racionalidade, como indica Eliana Kuster (2015, p.220):

O cinematógrafo, transformado em cinema, com toda a carga de subjetividade que este passou a conter, tornou-se o meio de representar a fantasia, que passa a pertencer fortemente ao mundo onírico e se revestindo do poder de tirar os homens do chão sem sair do lugar, arrancando-os de seu cotidiano e conduzindo-os ao lugar dos sonhos.

O hábito de frequentar o cinema, para Schvarzman (2005, p.154), “[...] revela formas de freqüentação e distinção social, fruição estética, imaginações sobre a diversão e a cultura. Sua organização, ainda que tenha por base modelos estrangeiros, toma em cada local aspectos próprios que revelam amálgamas culturais e sociais”. A partir desse entendimento, pretende-se, neste artigo, não discutir os primórdios do cinema em Montes Claros, mas sim as possíveis mudanças na dinâmica desse elemento moderno numa cidade que, ao seu tempo, se constituía de novos aspectos que acenavam para um suposto progresso na primeira metade do século XX.

Considerando esse contexto, objetiva-se discutir as modificações sofridas no cinema local e o que isso influenciou no hábito de divertimento de uma parcela da população, fundamentalmente após a implantação da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em setembro de 1926, pois, a partir do advento da ferrovia “a capacidade de deslocamento em alta velocidade possibilitou uma nova compreensão do espaço vivido, agora muito menos restrito” (CARVALHO, 2000, P.175).

Como estratégia metodológica, buscou-se em periódicos dos anos 1920 as informações necessárias, sendo também acessada obras de memorialistas que tematizaram o cinema montes-clarense da época. O extinto jornal *Gazeta do Norte*<sup>4</sup> foi a principal base de coleta das fontes, interessando para a pesquisa as notícias que reverberavam o cinema e que, pelas análises realizadas, podiam ser associadas com as viagens ferroviárias, possíveis a partir de 1926. Além de ser o principal folhetim da cidade no período pesquisado, atualmente consta disponível para consulta no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros – CPDOR/Unimontes.

Afora alguns jornais menores e efêmeros, a imprensa periódica da cidade se limitava ao *Gazeta do Norte*, e suas representações da sociedade montes-clarense coadunavam-se com grupos da elite local e constituía-se num formador de opinião pública (VELOSO, 2008; SILVA, 2012). Guardadas as devidas proporções econômicas, políticas e demográficas, a *Gazeta do Norte* mantinha similaridades com os jornais cariocas dos anos 1920, período de constituição identitária da imprensa da Capital Federal (BARBOSA, 2007).

---

<sup>4</sup> “Se a influência dos imaginários sobre as mentalidades depende dos meios que asseguram a sua difusão, no contexto montesclarense, em que outros jornais já haviam sido instalados e desativados, a *Gazeta do Norte*, com publicações regulares de 1918 até a década de 1960, ocupou um lugar diferenciado. Por ter sido o primeiro periódico a consolidar-se no ramo jornalístico, por um longo período produziu representações e possibilitou sua circulação” (VELOSO, 2008, p.70).

## **A ferrovia e o cinema em Montes Claros: expectativa em 1926**

Apesar do apelo que existia pela expansão da malha ferroviária pelo país no final do século XIX e início do século XX, a reboque da ideia do progresso e da civilidade, pode-se afirmar que os cinemas se desenvolveram mais rápido do que a construção das estradas de ferro, caso de Montes Claros.

Cidade interiorana, Montes Claros também ansiou pelo progresso que a locomotiva supostamente traria, no entanto, qual era a distância entre a expectativa e a realidade? Ter acesso ferroviário interferiria na dinâmica do cinema local? Segundo Delphim (2015, p.37), “[a]ssim como o cinema, a ferrovia já possibilitava uma nova impressão de tempo devido ao aumento da velocidade nos seus deslocamentos, o que provocou nos seus passageiros novas sensações relacionadas com essa nova experiência”.

O memorialista Urbino Vianna (1916), há mais de um século, clamou pela ligação ferroviária de Montes Claros à estação da Estrada de Ferro Central do Brasil mais próxima que, à época, encontrava-se na cidade de Buenópolis, existente desde 1914 e distante 74 quilômetros:

A «estrada de ferro» é a legítima e talvez única aspiração do sertanejo; benefício mais palpável que os governos podem conceder; meio proficuo de se encaminhar rapidamente o progresso, é ella que virá resolver, ou melhor, dar a chave de quanto problema se nos apresenta (VIANNA, 1916, p.239).

O protesto de Vianna (1916) findaria 10 anos após com a inauguração da Estação Ferroviária da Central do Brasil, festivamente anunciada pela *Gazeta do Norte*: “É uma nova era também, a inaugurar-se para o nosso povo que recebe uma injeção de vida nova, tornando-o apto aos grandes commettimentos que trazem o desenvolvimento economico a uma região”.<sup>5</sup> Contudo, o objetivo pode não ter sido alcançado, pois “[o] projeto ferroviário desde o início se funda com a promessa de progresso, mas por muito tempo não se concretiza, constituindo-se uma 'utopia'” (MAIA, 2016, p.4).

Mesmo que a sentença de Maia (2016) tenha sido excessiva, de fato, o tal progresso montes-clarense diversas vezes esteve vinculado a um evento político, sendo o mais marcante a “epopeia” da ligação ferroviária da cidade aos centros mais desenvolvidos. Implica conjecturar que a estrada férrea chegaria em Montes Claros não porque era uma localidade inóspita e completamente isolada mas, justamente pelo fato de haver uma demanda reprimida por mais e melhor transporte de cargas e pessoas. A expectativa (ou ansiedade) pelo progresso não seria saciada pelo trem, mas é plausível que ele tenha impulsionado aspectos modernos, como o cinema.

Ambos, trem e cinema, como veremos a seguir, são ícones da modernidade e Montes Claros não esteve alheia aos desdobramentos promovidos por ela na primeira metade do século XX. “A ferrovia era um importante meio de realização das novas e urgentes tarefas da modernidade, que proporcionavam à sociedade moderna uma nova experiência por meio

<sup>5</sup>Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 21 de julho de 1926, p.1.

das máquinas e seus prolongamentos na vida dos indivíduos” (DELPHIM, 2015, p.51). Sendo assim, quais os impactos promovidos pelo transporte ferroviário na rotina do cinema local?

“No início do século XX, a ferrovia, assim como o cinema, teve grande influência na nova constituição social e nas mudanças que aconteciam no modo de vida dos indivíduos, tanto os que moravam nas grandes cidades, quanto os que ainda habitavam o interior” (DELPHIM; RIBEIRO, 2015, p.1). A afirmação anterior dá o tom da intimidade histórica do trem com o cinema: ambos se relacionaram num mesmo espaço e tempo, possibilitando novas sensações em relação às distâncias geográficas (trem) e diversas experiências visuais na tela (cinema).

O que tanto trem como cinema apresentam de inequivocamente moderno na relação entre espaço e tempo do meio social e histórico em que surgiram, portanto, é essa ruptura com uma tecnologia onde o espaço parece reinar soberano sobre o tempo, condição que se torna mais tênue com o avanço tecnológico, que não mais permite que a distância geográfica seja percebida com a mesma precisão dos meios de transporte pré-industriais. Da mesma forma o cinema, através da montagem, possibilitará a experiência da visualização de espaços físicos diversos em questão de segundos, ou até mesmo simultaneamente (CARVALHO, 2000, p.175).

O geógrafo David Harvey, ao debater a experiência do espaço e do tempo na modernidade, afirma que: "Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais, uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas" (HARVEY, 2008, p. 225).

Não por acaso, o curta metragem mais conhecido dos irmãos Lumière é *L'arrivée d'un train en gare à la Ciotat* (A Chegada do Trem à Estação Ciotat, tradução nossa),<sup>6</sup> de 1895, explora “a locomotiva, a bela máquina, rival do cinema pelo status de maior invenção da Revolução Industrial” (CARVALHO, 2012, p.91). Assim como o cinema, “o trem, mais do que um importante meio de transporte e de trabalho, foi um agente do progresso que se apresentava cada vez mais atuante na sociedade daquele período” (DELPHIM; RIBEIRO, 2015, p.1).

Inicialmente, havemos de perceber as exhibições cinematográficas como mais um produto tecnológico da modernidade europeia. Nesse cenário, segundo Hansen (2004), assim como outros vários inventos promovidos pela modernidade,

[...] o cinema figura como parte da violenta reestruturação da percepção e da interação humana promovida pelos modos de produção e pelo intercâmbio industrial-capitalista; enfim, pela tecnologia moderna, como os trens, a fotografia, a luz elétrica, o telégrafo e o telefone, e pela construção em larga escala de

---

<sup>6</sup> “Trem e cinema já surgem juntos na primeira exibição cinematográfica, promovida pelo irmão Lumière. Do programa de 4 ou 5 filmes curtos, o que entraria definitivamente para a história do cinema seria *A Chegada do Trem à Estação Ciotat* (1895), sendo sua fama vinculada ao suposto efeito aterrorizante que teria provocado na plateia a imagem de um trem que se aproximava da tela” (CARVALHO, 2000, p.178).

logradouros urbanos povoados por multidões anônimas e prostitutas, bem como por *flâneurs* não tão anônimos assim. Da mesma forma, o cinema surge como parte de uma cultura emergente do consumo e do espetáculo, que varia de exposições mundiais e lojas de departamentos até as mais sinistras atrações do melodrama, da fantasmagoria, dos museus de cera e dos necrotérios, uma cultura marcada por uma proliferação em ritmo veloz – e, por consequência, também marcada por uma efemeridade e obsolescência aceleradas – de sensações, tendências e estilos (HANSEN, 2004, p.406).

Na trajetória histórica do cinema em Montes Claros, encontramos um processo de interiorização tardia, se levado em consideração os outros centros urbanos mais adiantados do Estado: as primeiras projeções em Minas Gerais aconteceram em Juiz de Fora, 1897, e em Belo Horizonte, 1898. Em Montes Claros, o primeiro registro comprovado de uma exibição data do ano de 1909, ou seja, mais de dez anos após as referidas cidades (CARVALHO, 2006).

Ter cinema ensejava outros fatores para o seu funcionamento. Não era fácil manter as sessões atualizadas, pois as vias de tráfego eram precárias e dificultavam a chegada das fitas. Deste modo, apesar da existência de cinematógrafos desde a década de 1910, o funcionamento destes era efêmero. Contudo, observando o clamor na *Gazeta do Norte* em 1919, é possível afirmar que havia a demanda pelo equipamento de divertimento e já existia público para consumi-lo: “Seria de se elogiar a empresa que nos reabrisse o salão de cinematographo”:<sup>7</sup>

Fala-se constantemente em falta de diversões nesta cidade. É realmente uma lacuna lastimavel na vida da sociedade de Montes Claros. Ha dias, então, nos quaes a nossa terra é de uma insipidez sem nome: nos santificados e feriados, quando se fecham as casas de commercio. Pode-se, então, fazer cessar tal estado de cousas; basta que appareçam algumas pessoas de boa vontade e de iniciativa, para dar movimento á população e facilitar pontos de encontro onde a gente se divirta. Seria de se elogiar a empresa que nos reabrisse o salão de cinematographo; mereceria applausos e amparo o grupo de amadores que nos desse, aos menos, de semana em semana, um espectáculo theatral de peças leves, modernas, instructivas e moraes [...]<sup>8</sup>.

Por isso, a chegada dos trilhos da estrada de ferro certamente modificaria muita coisa, inclusive a dinâmica do cinema de Montes Claros. Corroborando, como afirma Delphim (2015, p.55), a relação ferroviária/cinema modificou-se em função da velocidade e capacidade de transporte:

Assim como o cinema, um veículo novo e revolucionário foi importante agente da Revolução Cultural do princípio do século XX, a ferrovia havia sido fundamental para a Revolução Industrial, transportando as matérias-primas para as fábricas e, depois, os produtos manufaturados para os mercados consumidores. Entre

<sup>7</sup>Gazeta do Norte (MG). Sábado, 07 de junho de 1919, p.1.

<sup>8</sup>Ibidem.

esses produtos manufaturados poderíamos incluir as próprias cópias enlatadas dos filmes produzidos para atender a uma demanda cada vez maior de um mercado exibidor começando a se fazer mais presente nas cidades.

Em Montes Claros, antes da implantação da ferrovia, a busca das latas com as fitas dos filmes do cinema local, trazidas via trem-de-ferro até a estação de Corinto, “ponta dos trilhos” distante mais de 200 quilômetros ao sul, por si só, já daria um enredo para um filme de aventuras, cujo final culminaria com mais uma sessão com lotação esgotada.

Mas, e antes do advento da estrada de ferro, como chegavam as fitas do cinema montes-clarense? Para se ter ideia, o memorialista Nelson Vianna (1956) descreve uma das viagens para se buscar as latas com as fitas do cinema em anos anteriores a 1926, “protagonizada” pelo personagem real “João de Chichico”; de automóvel, cavalo ou mesmo a pé:

Vinham essas cintas até a ponta dos trilhos e eram lá procuradas por um portador especial, enviado pela Empresa. Foi então que apareceu por aqui o maior apreciador de cinema daqueles tempos: João Cândido, mais conhecido por João de Chichico, ainda nos seus verdes anos de rapazinho e de boêmio incorrigível. Logo que ele tinha notícia da chegada das fitas na estação final do prolongamento, saía a qualquer hora do dia ou da noite para busca-las. E viajava de carona em qualquer dos automóveis que naquele tempo faziam percurso diário daqui à ponta dos trilhos – do Joaquim Blandino, do Cândido Gomes, do Pedro Souto ou do Waldomiro de Almeida – ou a cavalo, ou ainda, na falta deste, mesmo a pé. Mas era o portador mais seguro, de maior confiança, enfim, o “tal”, que dava de fato conta do recado. A bilheteria só se abria e começava a vender ingressos, quando houvesse certeza de que o João já havia chegado com a “encomenda” à pensão dos alfaiates, onde os celulóides permaneciam até o começo da sessão (VIANNA, 1956, p.55-56).

Obviamente, todo este contexto era determinado pela construção singular de uma dinâmica social, onde aspectos políticos, econômicos e culturais formatavam um padrão de comportamento social que demarcava cada uma das cidades. De uma forma geral, com a chegada da “ponta dos trilhos” em 1926, conjecturamos, houve uma reformatação da dinâmica social montes-clarense e, relativo ao cinema, por exemplo, o personagem real, “João de Chichico”, apresentado por Vianna (1956), seria substituído pela locomotiva, uma máquina mais forte e mais veloz do que o homem ou outro tipo de máquina ou animal, e que quase tudo podia levar ou trazer do sul percorrendo o trajeto de Montes Claros à Belo Horizonte em pouco mais de 10 horas. Em suma, a expressão “tempo é dinheiro” se enquadrava positivamente no comércio da exibição cinematográfica pois, como os filmes eram comprados ou alugados por dia, o tempo dispendido no transporte influenciaria na arrecadação financeira das salas de projeção.

Segundo Carvalho (2012), os anos vinte são singulares para Montes Claros, pois a cidade sofreu modificações estruturais que ainda não havia passado, introduzindo aspectos modernos ao seu plano urbano e isso se aplicava ao cinema, também:

A construção do prédio do cinema vinha ao encontro de um anseio pela renovação estética da cidade, por uma continuidade da “revolução architectonica” em curso no município, pois, a partir da instalação da estação ferroviária, em 1926, por exemplo, foram criadas 38 novas ruas, duas praças, duas avenidas e várias travessas (CARVALHO, 2012, p.41).

Para marcar 1926, ano inicial da imersão às fontes deste trabalho, nos valem de fragmentos de um texto memorialístico de Palmyra Santos Oliveira (2008), quando, ainda criança, testemunhou o funcionamento e as características do único cinema da cidade a época, o *Cine-theatro Montes Claros*,<sup>9</sup> a partir de lembranças íntimas que lhe representava aquela década:

Ocorre-me contar agora o motivo pelo qual meu pai comprou o **único cinema da cidade**. Penso que foi em **1926**. O meu irmão José Gomes de Oliveira, nã época com uns 10 anos, foi barrado na porta do cine Montes Claros por ser, então, menor de idade. Chegou em casa muito triste, contou ao meu pai, Manoel Gomes de Oliveira, o ocorrido e este prometeu comprar o cinema. Convidou o meu padrinho Aristides Lucrécio de Oliveira para ser seu sócio e ambos compraram o cinema. A firma chamava-se “Gomes e Lucrécio”.

[...] Na ocasião, **o cinema era mudo** e havia pessoas que tocavam instrumentos: o piano era com Dulce Sarmento, o violão com Asclepiades Pinto, o bandolim tocado por Ducho. Nas cenas de tiroteio, lembro-me que tocavam depressa e nas cenas românticas, lentamente. O filme do qual ainda me lembro o nome é “O sol da meia-noite”, com Laura Laplante (não sei a grafia) – o mocinho da época era Tomix (idem). Sei também que o meu irmão saía com Evandro Câmara, nosso vizinho, para distribuir os “programas” como eles falavam. Lembro-me também que certa noite, no cinema, distribuíram brindes, caixas de pó de arroz “Reny”.

[...] O meu padrinho Aristides Lucrécio que era primo do meu pai, faleceu de repente e a parte dele foi adquirida pelo Sr. João Ferreira Paculdino. A firma passou a chamar-se: “Gomes e Ferreira”. Depois, meu pai queria mudar-se para Presidente Bernardes-SP onde morava o seu primo Joãozinho do Sr. Crisauto e vendeu sua parte para a então viúva do seu ex-sócio e a firma deles passou a ser conhecida por “Viúva Paculdino e Filhos” (OLIVEIRA, 2008, p.145-148, grifos nossos).

As “memórias” de dona Palmyra Oliveira dão o tom do cinema dos anos 1920. E como suas lembranças íntimas se passaram em 1926, ano inicial da análise das fontes, o texto seguirá ladeando-a no intuito de construir o contexto social daquele cinema, a partir, principalmente, da *Gazeta do Norte*.

Já foi explanado que o ano de 1926 é o marco primeiro da pesquisa devido a inauguração da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil e conseqüente advento do fluxo de passageiros rumo ao sul e vice-versa. Porém, neste ano também surgiu o *Cine-Theatro Montes Claros*, uma empresa que perduraria por anos e faria parte da rotina de diversões da cidade, pretendendo ser [...] “uma casa confortavel para a realização de

<sup>9</sup> Segundo Reys (1927), em 1927, o Cine-Theatro Montes Claros tinha [...] 350 poltronas afóra 200 geraes e que [promovia] programma novo diariamente, com as melhores fitas.



epectaculos cinematographicos e theatraes”.<sup>10</sup> Antes dele, funcionava o *Cine-Renascença*:

A firma Luiz Guedes & Comp. proprietaria do Cine-Renascença, desta cidade, tendo em vista o crescente crescimento que se verifica em nosso meio, resolveu constituir uma sociedade anonyma que deverá denominar-se «Empreza Cine-Theatral Montes-clarense». Essa empreza cuidará da remodelação do cinema local, tornando-o uma casa confortavel para a realização de epectaculos cinematographicos e theatraes. Que seja uma realidade essa iniciativa que grandemente virá contribuir para nosso adeantamento, dotando a nossa cidade de um estabelecimento diversional á altura do seu progresso.<sup>11</sup>

O novo cinema passou por reformas durante o primeiro semestre de 1926, tempo em que, paralelamente, funcionou o “Cine-Mignon. Essa elegante casa de diversões da praça dr. Chaves”,<sup>12</sup> “[...] apesar de pequena a sala das projecções, o proprietario do Mignon procurou dotal-a de conforto, introduzindo ali bons melhoramentos”.<sup>13</sup> Aparentemente, o *Cine-Mignon* teve vida enquanto o *Cine-Theatro Montes Claros* se constituía, reaparecendo o *Montes Claros* no mês de junho de 1926:

Acham-se quasi terminadas as obras de remodelação do nosso cine local que agora passa a denominar-se Cine Theatro Montes Claros e pertencerá á firma Dias, Figueiredo & Comp. A sua reabertura será a 15 do corrente, havendo justa ansiedade por esse acontecimento, por parte de nossa população, ha mezes privada dessa diversão. Os novos proprietarios pretendem apresentar fitas capazes de satisfazer a nossa platêa, firmando contracto com reputadas fabricas.<sup>14</sup> Com um bello progresso reabre-se hoje o nosso cinema, agora pertencente afirma Dias, Figueiredo & Cia., sob a denominação de Cine-Theatro Montes Claros. [...] As entradas custarão 2\$000 para cadeiras; 1\$500 para geral e 1\$000 para creanças, sendo o sello a cargo do publico<sup>15</sup>.

“Em sessão chic, dedicada á alta sociedade montesclarenses!<sup>16</sup> O *Cine-Theatro Montes Claros*, desde a sua inauguração deixava explícito em seus anúncios na *Gazeta do Norte* a intenção de dedicar os seus filmes principais aos montes-clarenses da elite, porém, não é possível afirmar se na frequência ao cinema o público era majoritariamente oriundo das classes mais abastadas ou era só uma estratégia de propaganda. Contudo, associar-se ou tentar associar à elite, era uma característica do cinema brasileiro da década de 1920. Em função disso, é importante observar o que diz Sheila Schvarzman (2005, p.155):

[...] o cinema que se pregava constituir no Brasil nos anos 20 era avesso ao caráter popular, tanto nas imagens como na freqüentação,

<sup>10</sup>Gazeta do Norte, de 9 de janeiro de 1926, p.1.

<sup>11</sup>Ibdem.

<sup>12</sup>Gazeta do Norte, de 27 de março de 1926, p.1.

<sup>13</sup>Gazeta do Norte, de 13 de março de 1926, p.1.

<sup>14</sup>Gazeta do Norte, de 5 de junho de 1926, p.1.

<sup>15</sup>Gazeta do Norte, de 16 de junho de 1926, p.1.

<sup>16</sup>Gazeta do Norte, de 23 de junho de 1926, p.1.

procurando incentivar os aspectos artísticos da concepção fílmica, o conforto e a opulência nas salas. Na direção inversa dos americanos que massificavam a atividade para torná-la cada vez mais rendosa e viável, os jovens de classe média que imaginavam um cinema para o Brasil pensavam-no como uma atividade artística dignificante para o país, e a sua freqüência, uma forma de diferenciação e distinção social.

Estranhamente o cinema local interromperia suas sessões justamente logo após a inauguração da estação ferroviária, no dia 1º de setembro. Assim, no exato período designado para iniciar a análise das fontes do trabalho, 1926, não existia nenhuma sala de cinema em funcionamento em Montes Claros. Justamente por isso, a falta foi sentida e protestada pela *Gazeta do Norte*, que questionou diversos fatos, principalmente sobre as melhorias que a estrada de ferro trouxera para o cinema. Para o jornal, era inadmissível inexistir o “único meio de diversão com que contava o nosso povo”, pois o “[...]” carroto de fitas, cortado pela metade. O aluguel das mesmas com a diferença de quase dois dias”:<sup>17</sup>

O Cine Theatro Montes Claros, único meio de diversão com que contava o nosso povo, a duas semanas suspendeu suas sessões. Quando a estrada de ferro encontrava-se distante daqui, na estação de Bocayuva, Cattoni, etc, raramente ficava a nossa cidade sem as sessões cinematográficas durante largo espaço de tempo como esse. Teria tido a empresa prejuízo? É certo que não, quase podemos afirmar. Porque então o novo cinema, tão bem iniciado, suspendeu as suas sessões? O carroto de fitas, cortado pela metade. O aluguel das mesmas com a diferença de quase dois dias. O salão de espectáculos com a lotação dobrada... A idéia do prejuízo, portanto, completamente afastada nesse caso. Lamentamos unicamente que, com elementos capazes, como os contamos em nosso meio, seja necessária a intervenção de capitães de fóra para conseguirmos aqui uma casa cinematográfica, o que fatalmente se dará ante a indiferença dos nossos capitalistas por tão rendosa indústria.<sup>18</sup>

O apelo da *Gazeta do Norte* não surtiria efeito imediato. Mesmo argumentando que o cinema era um negócio rentável, notadamente após a agilidade proporcionada pela estrada de ferro, o *Cine-Theatro Montes Claros* só retornaria no mês de dezembro de 1926, estreando um programa em oito partes, “[...]” iniciado com projecção do film apanhado nesta cidade por ocasião das festas de inauguração do tráfego da Central do Brasil e visita que nos fez o nosso grande amigo dr. Francisco Sá, com a reportagem completa das festividades”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup>Gazeta do Norte, de 6 de outubro de 1926, p.1.

<sup>18</sup>Idem.

<sup>19</sup>Gazeta do Norte, de 1º de dezembro de 1926, p.1.

Finalmente, lembrando dona Palmyra Oliveira, no retorno do *Cine-Theatro Montes Claros*, notamos o surgimento da firma *Gomes & Lucrecio*, do seu pai e padrinho, respectivamente (Fig.1), como proprietária do cinema, anunciando “[...] um film de grande valor artistico replecto de emoção e sentimento, tendo como interprete principal a querida e linda

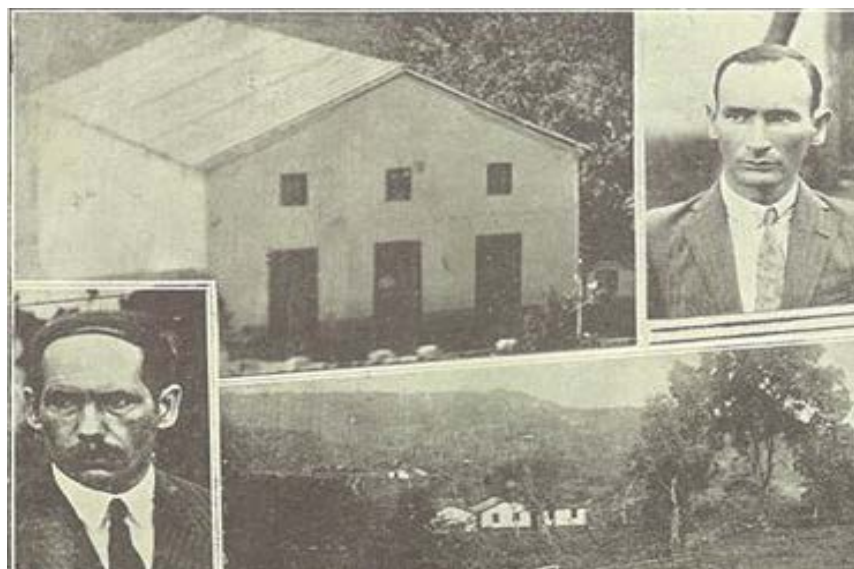


Figura 1: Imagem dos proprietários do Cine-Theatro Montes Claros, Manoel Gomes de Oliveira e Aristides Lucrécio de Oliveira e do local que abrigava o cinema.  
Fonte: Álbum de Montes Claros (Reys, 1927).

actriz da scena muda ‘yankee’ Bessie Love”.<sup>20</sup>

A partir de 1927, o *Cine-Theatro Montes Claros*, “[...] concorrido centro de diversões” [...],<sup>21</sup> enquanto existiu, anunciou sistematicamente em praticamente todas as edições da *Gazeta do Norte* por anos em seguida. Nestes anúncios não notaríamos mais explícito o oferecimento das sessões aos montes-clarenses chiques e à alta sociedade. Aparentemente, o comércio das diversões local não selecionava mais os seus consumidores, pois a assistência aumentava.

As fitas exibidas no cinema de Montes Claros eram normalmente de origem norte-americana, adquiridas de empresas multinacionais como a *Fox*, *Paramount*, *Universal* e *Metro Goldwyn Mayer*. Ao serem anunciados no jornal alguns filmes eram divulgados como películas “[...] de maior sucesso quando exibidos em todas as capitaes [...],<sup>22</sup> ou que tinham “[...] conquistado o maior sucesso nos lugares onde vem sendo exibidos”.<sup>23</sup> O cinema, como confirmam Baéz e Tudela (2012, p.97, tradução nossa), “[...] nasceu na Europa e cresceu nos Estados Unidos. De lá suas produções se estenderam ao resto do mundo.

Jailson Carvalho (2016, p.144) informa que “[a] partir da década de 1920, o cinema parece ter alcançado maior espaço na vida dos cidadãos montes-clarenses. Nesse período, o fluxo regular de películas, em nível

<sup>20</sup>Gazeta do Norte, de 4 de dezembro de 1926, p.1.

<sup>21</sup>Gazeta do Norte, de 5 de janeiro de 1927, p.1.

<sup>22</sup>Gazeta do Norte, de 19 de janeiro de 1927, p.1.

<sup>23</sup>Gazeta do Norte, de 29 de janeiro de 1927, p.1.

nacional, havia se estabilizado”. A variedade de filmes era notória, assim como a quantidade de sessões distribuídas pelos dias da semana, principalmente nos sábados e domingos. O número de fitas diferentes impressiona, porém, ao averiguarmos o ano de lançamento em seu país produtor, veremos que o cinema montes-clarense exibia filmes com significativo atraso.

Apesar de encontrarmos anúncios como o a seguir, de fato, não averiguamos que o cinema mantivesse uma programação atualizada. Normalmente, até que o filme fosse exibido em Montes Claros, passar-se-iam meses, e até anos:

A empresa do Cine Montes Claros, segundo nos veio comunicar o seu gerente, fará por estes dias, um contracto com a “Universal” a fim de serem projectadas em nossa tela os melhores *films* novos da conceituada fabrica. É uma medida que alegrará certamente os habituaes da concorrida casa de diversões.<sup>24</sup>

Para efeito de comparação, dentre os muitos filmes projetados pelo *Cine-Theatro Montes Claros*, em 1927, constatamos que a maioria havia sido filmado em anos bem anteriores. Para isso, apuramos em jornais do Rio de Janeiro o período em que alguns dos mesmos filmes foram anunciados na Capital do país. Como exemplos (QUADRO 1), identificamos os filmes, com o ano de em que foram produzidos e o ano que foram exibidos no Rio de Janeiro.

Filme	Ano de produção	Anúncio de exibição em jornais do Rio de Janeiro (destaque para o ano)
<i>Fantomas</i>	1913	Gazeta de Notícias (RJ). Quinta-feira, 26 de março de <b>1914</b> , p.10.
<i>Thermidor</i>	1917	Correio da Manhã (RJ). Sexta-feira, 3 de maio de <b>1918</b> , p.10.
<i>Conde de Monte Christo</i>	1918	O Paiz (RJ). Segunda-feira, 1º de julho de <b>1918</b> , p.5.
<i>Império da lei</i>	1919	O Paiz (RJ). Quarta-feira, 10 de dezembro de <b>1919</b> , p.4.
<i>Destemido diabólico</i>	1920	Correio da Manhã (RJ). Quarta-feira, 22 de setembro de <b>1920</b> , p.4.
<i>Dan, o grande</i>	1923	O Jornal (RJ). Terça-feira, 26 de fevereiro de <b>1924</b> , p.9.
<i>Romeu e Julieta</i>	1924	Correio da Manhã (RJ). Quarta-feira, 30 de setembro de <b>1925</b> , p.7.
<i>Coração intrépido</i>	1925	Gazeta de Notícias (RJ). Sexta-feira, 18 de junho de <b>1926</b> , p.8.
<i>Bandoleiro por sport</i>	1926	Correio da Manhã (RJ). Sexta-feira, 16 de abril de <b>1926</b> , p.7.

<sup>24</sup>Gazeta do Norte, de 9 de março de 1927, p.1.

<i>Amor e deshonra</i>	1926	Jornal do Brasil (RJ). Sábado, 7 de agosto de <b>1926</b> , p.30.
------------------------	------	---

Quadro 1: Alguns dos filmes exibidos pelo *Cine-Theatro Montes Claros* em 1927, ano de produção e ano de exibição no Rio de Janeiro

Nota-se no quadro anterior que os jornais da Capital Federal anunciavam os filmes com meses e anos de diferença, quando comparados com o cinema montes-clarense do ano de 1927. Ao confrontarmos o cinema local com um centro mais desenvolvido, inferimos que havia um lapso temporal que evidenciava um tipo de atraso regulamentar para que o hábito dito moderno, como o de frequentar o cinema, aportasse em Montes Claros.

A rotina semanal do cinema local funcionou inalterada por meses, sendo quebrada a normalidade quando a *Gazeta do Norte* denunciou o mau estado do seu projetor, em junho de 1928. Além dos filmes desatualizados, os frequentadores conviviam com equipamentos precários que influenciavam no desenrolar das sessões, fazendo adentrar a madrugada.

Á nossa redacção tem chegado varios e constantes pedidos para reclamarmos sobre o mau estado em que se encontra o projector do cinema. De facto as ultimas sessões do Cine Montes Claros tem sido um martyrio para os que ali vão em busca de um prazer. A machina estraçalha as fitas, causando geraes aborrecimentos. Ainda a ultima sessão terminou quasiá uma hora da madrugada em virtude dos enormes intervallos obrigados pelos concertos do aparelho durante a projecção. Ahi fica a reclamação.<sup>25</sup>

Apesar do apelo na *Gazeta do Norte*, as providências só seria tomadas no ano posterior, quando a nova firma gerenciadora do *Cine-Theatro Montes Claros* anunciou as obras de modernização do estabelecimento, como um novo forro e a iluminação interna proporcionada por um gerador externo.

Cumprindo a promessa que fez ao publico, a empreza local está realizando as obras que tornarão aquelle centro diversonal numa casa confortavel e compativel com o nosso adiantamento. Assim, ja estão bastante adeantadas as obras do fôrro que está sendo feito de madeira, de agradável aspecto. A iluminação e projecção serão melhoradas igualmente, tendo para isto feito a empreza installar um motor contiguo ao cinema e que fornecerà luz para o mesmo. Segundo nos communicou o chefe da conceituada firma J. Paculdino & Filho, serão também iniciadas, em breve, as obras para o salão de espera e bar.<sup>26</sup>

A adoção de medidas de melhoramentos estruturais e a introdução de “[...] duas sessões semanalmente, em matinée, ás quintas-feiras e domingos, dedicadas á creançada de Montes Claros” [...],<sup>27</sup> eram adequações necessárias para manter algum status de centro moderno de diversão e atender as crianças com filmes indicados para menores idades. Contudo,

<sup>25</sup>Gazeta do Norte, de 2 de junho de 1928, p.1.

<sup>26</sup>Gazeta do Norte, de 3 de agosto de 1929, p.2.

<sup>27</sup>Gazeta do Norte, de 10 de agosto de 1929, p.1.

alguns destes filmes não agradavam e a sociedade reagia via *Gazeta do Norte*:

Varias pessoas, tem nos procurado pedindo-nos interceder junto a Empreza do cine local, no sentido de ser reformada a orientação seguida até agora na distribuição dos films para as matinées. Nessas sessões quase que exclusivamente frequentada por creanças, vêm sendo projectados films bastante condemnados pela censura, o que constitue um perigo para a educação e formação do character da petizada que ali vae.<sup>28</sup>

Além das reclamações alegadas no jornal, o cinema sofria as pressões normais do mercado cinematográfico para tentar manter-se atualizado. Para se ter uma ideia, enquanto os filmes mudos eram ainda um sucesso, o “[...] cinema falado, o maior assombro da época atual, a descoberta que revolucionou o mundo e que constitue, no momento, em Nova York, a novidade de maior sensação já é [era] uma realidade na Capital paulista”.<sup>29</sup> Dotar o cinema de Montes Claros das inovações do “mundo cinematográfico” constituía-se um desafio.

Enfim, conjecturamos que qualquer processo de mudança causa estranhamentos, e isso não seria diferente na transição do “cinema mudo” para o “cinema falado”. Se a *Gazeta do Norte* noticiou que a cidade de “[...] S. Paulo é [era] a terceira cidade do mundo a conhecer essa grande conquista da sciencia, applicada a cinematographia [...]”<sup>30</sup> em 1929, nos Estados Unidos, que são os inventores do “cinemafalado”, também houve questionamentos, como podemos observar na reportagem intitulada *Os films devem falar?* da revista *Cinearte*<sup>31</sup>, especializada em cinema:

O cinema falado tem causado ultimamente em Hollywood uma verdadeira tempestade de discussões. A grande maioria do pessoal que vive da Nova Arte, dos pobres “extras” aos productores millionarios, olham o novo invento quasi com tanto receio como os filhos da California o fazem com os terremotos.

[...] Mas eu duvido muito de que ainda venhamos a ter films falados no sentido em que se deve tomar o Cinema falado, isto é, com os artistas representando e dizendo os seus papeis. Pôde ser que vejamos um ou outro nestas condições. Mas nunca passará dahi.

[...] Os films falados modificariam por completo a arte cinematographica. E não para melhor.

[...] O cinema falado tem o seu lugar como a photographia colorida – mas não acredito que os films falados jamais substituam o drama silencioso.

[...] para muita gente, a maior atração de um salão de exhibições reside justamente no silencio, quieto e confortavel, que reina; ora, é isto que os advogados do Cinema falado pretendem destruir.

<sup>28</sup>Gazeta do Norte, de 25 de janeiro de 1930, p.1.

<sup>29</sup>Gazeta do Norte, de 20 de abril de 1929, p.1.

<sup>30</sup>Ibidem.

<sup>31</sup> A revista *Cinearte* existiu entre 1926 a 1942: “Suas matérias versam sobre filmes, focos de Hollywood, salas de exibição, informações técnicas, detalhes de produções, legislação, crítica cinematográfica, além das campanhas que abraçava, como a pela isenção dos impostos para o filme virgem, pela implantação da censura federal e pela criação do cinema educativo” (LUCAS, 2005, p.67).

[...] Venham os films falados e coloridos, e nós retrocedemos até o teatro.  
[...] Os films falados nunca farão perigar o drama silencioso.  
[...] O cinema falado jamais vencerá o cinema patomimico.  
[...] O cinema falado tem um campo vastissimo nos círculos da educação; na minha opinião nunca dominará no campo artistico, nem, tampouco, conseguirá resistir por muito tempo como simples diversão.<sup>32</sup>

Nos fragmentos colhidos nas opiniões publicadas na revista *Cinearte* há nítida resistência à nova forma de se “fazer” cinema. O novo invento, que sincronizava som às imagens, parecia não ser unanimidade e, segundo os entrevistados, não teria futuro promissor nas salas dos cinemas. Entretanto, o “cinema falado” em poucos anos estaria em evidência nas mais distantes localidades. No Brasil, a cidade de São Paulo inaugurou o seu em abril de 1929, uma “[...] completa novidade em materia de cinematographia na América do Sul”;<sup>33</sup> no Rio de Janeiro, dois meses após o de São Paulo, inauguraria o “cinema falado” no *Palacio Theatro*, com a presença do Presidente da República<sup>34</sup>; e em Montes Claros, os primeiros filmes sonoros seriam exibidos no *Cine Montes Claros* em 1931, como símbolo de diversão e civilidade.

O cinema falado que é hoje imprescindível nos centros diversionais de toda cidade adeantada e culta vem inaugurar para os frequentadores montesclarenses momentos de esplendido prazer com a projecção dos lindíssimos films sonóros que proporcionam hoje deliciosas horas de diversão as platéas de todo mundo civilisado<sup>35</sup>.

Terá lugar hoje, às 20 horas, a inauguração do cinema fallado, em Montes Claros. A empreza do Cine Montes Claros, introduzindo em nosso meio o cinema fallado e sincronisado traz á platéa montesclarensense um divertimento que constitue uma das conquistas maiores do seculo e que é, por excellencia a diversão predilecta das sociedades cultas e civilisadas.<sup>36</sup>

“Ao adentrar a década de 1930, a adesão de expressivo número de moradores do município de Montes Claros ao novo divertimento – o cinema – tornou-se inconteste” (CARVALHO, 2012, p.34). Ao mesmo tempo que se popularizava, o cinema em Montes Claros parecia não satisfazer aos clientes mais exigentes, como *Maria Celia*, em reclamação via *Gazeta do Norte* sobre o divertimento em questão, em agosto de 1930:

Hoje temos as fitas mediocres do cinema, em programmas mal organizados, que decepcionam a alma e irritam os nervos. Entretanto é preciso que esse indiferentismo se dissipe que se corrija essa falta de amôr a cultura do espirito, que reajamos contra essa chlorose que

---

<sup>32</sup>Cinearte, de 20 de julho de 1927, p.12/34.

<sup>33</sup>O Jornal, de 14 de abril de 1929, p.2.

<sup>34</sup>O Paiz, de 21 de junho de 1929, p.2.

<sup>35</sup>Gazeta do Norte, de 23 de maio de 1931, p.1.

<sup>36</sup>Gazeta do Norte, de 6 de junho de 1931, p.1.

nos estiola para que Montes Claros nada fique a dever a suas irmãs mais cultas e civilizadas.<sup>37</sup>

“No alvorecer da década de 1930, a situação do cinema brasileiro era aparentemente boa. A década de 1920 tinha sido animadora, particularmente os últimos anos. Quando chega 1930, reina um otimismo como nunca o cinema brasileiro conhecera igual” (SOUZA, 2007, p.33). Em Montes Claros, nos primeiros anos da década de trinta, além do advento dos filmes sonoros e aumento da afluência ao cinema, são observadas na *Gazeta do Norte* programações com mais sessões e numerosa lista de filmes, quase todos norte-americanos.

Nessa época, os proprietários do *Cine Montes Claros*, a partir do jornal, propagavam a ideia de um cinema moderno e que proporcionava “[...] aos seus habitantes films de 1ª linha, satisfazendo amplamente o gosto de nossa platéia [...]”<sup>38</sup> com as produções mais atuais. Porém, ainda assim, cobravam maior presença de frequentadores às sessões, pois, do contrário, seriam obrigados a suspender o funcionamento:

A empreza do Cine Montes Claros continua a proporcionar a platéia montesclarenses momentos de indizível prazer espiritual, pois são fitas de primeira linha e escolhidas dentre o que de mais sucesso vem sendo exibido nas grandes capitais do mundo.

Entretanto é de se lamentar que a nossa culta população não tenha compreendido ainda, devidamente, o grande esforço que os operosos irmãos Paculdino vem desenvolvendo para bem servir-a, pois as ultimas sessões de cinema tem sido bem escassas de frequentadores.

Os programmas que a empreza vem nos offerecendo tem sido os melhores possiveis, sendo de destacar-se que o nosso cinema tem exibido grandes produções mesmo antes do da capital e de qualquer cidade mineira, como aconteceu com os grandes films «Sem novidade no front» e «Luzes da cidade».

É necessario portanto, que seja compreendido e correspondido esse esforço, com uma frequencia numerosa ao cinema, a fim de que a empreza não seja obrigada a privar-nos das esplendidas noites que nos vem proporcionando<sup>39</sup>.

Muitos filmes eram de mais de três anos antes, no entanto foi possível notar que o tempo entre o ano de produção do filme nos Estados Unidos e a exibição em Montes Claros já era menor, se comparado com anos vinte. A título de exemplo, muitos filmes exibidos no *Cine Montes Claros* no ano de 1931 haviam sido lançados em 1929, 1930 e 1931, tais como *Broadway Scandls* (1929), *Asas do Coração* (1929), *Os evadidos* (1929), *Amor audaz* (1930), *Águias modernas* (1930), *Adorado impostor* (1930), *O inimigo silencioso* (1930) e *Canção do berço* (1930, falado em português). Além de antigos sucessos de público do cinema mudo, como *Aventuras de Tarzan* (1921), *O phantasma da opera* (1925) e *Luzes da cidade* (1926).

<sup>37</sup>Gazeta do Norte, de 16 de agosto de 1930, p.1.

<sup>38</sup>Gazeta do Norte, de 3 de setembro de 1932, p.1.

<sup>39</sup>Gazeta do Norte, de 24 de outubro de 1931, p.1.



Afirmando a importância do cinema no desenvolvimento da cultura e da civilização brasileira, o jornal montes-clarense *O Operário*<sup>40</sup>, em 1933, traz em reportagem de capa assinada por José Firmo, intitulada *O cinema e a civilização*<sup>41</sup>, exposição sobre o valor do cinema e o poder deste de educar. Segundo Firmo, os “[...] bons films<sup>42</sup> poderiam “[...] influir nas ações e na vida dos expectadores”.<sup>43</sup> Além disso, haveria “[...] a contribuição do cinema á cultura em geral, á ampliação dos conhecimentos geográficos, á belesa e á arte”.<sup>44</sup> A partir do poder educativo do cinema “[...] sem que ao menos se aperceba, o garoto vai adquirindo noções exatas da vida, conhecimentos preliminares utilíssimos á sua formação”.<sup>45</sup>

No artigo de José Firmo, afora educar uma criança, o cinema civiliza um povo inculto, coisa que os países mais desenvolvidos já faziam. “Entre nós, apesar da mistura, da raridade dos verdadeiros e autênticos bons films, o cinema tem sido profundamente benefico, instruindo e civilizando as massas, desbravando o caminho á compreensão de temas mais altos e belos,”<sup>46</sup> pois o “[...] cinema é um fator de progresso, de civilização e de cultura, reconhecidos por todos os grandes povos do mundo. Os seus serviços á humanidade são inestimáveis.”<sup>47</sup> O cinema tem essa capacidade porque ele “[...] instrue pela visão, sem que a pessoa que se procura divertir suspeite sequer que está no mais util dos gabinetes, decifrando problemas e equações complicadas”.<sup>48</sup> Enfim, a conclusão do autor: “Não creio que exista mais quem obscureça o papel considerável que o cinema está exercendo na civilização, na cultura e na beleza”.<sup>49</sup>

Nos primeiros anos da década de trinta, possivelmente tentando se afirmar na rotina do público consumidor do divertimento na cidade, as notícias do *Cine Montes Claros* na *Gazeta do Norte* passaram a ser maiores e descritivas. Normalmente aos sábados, na primeira página do jornal, além das informações sobre as sessões com os dias e horários dos filmes, traziam os nomes dos atores e as sinopses das melhores atrações da programação semanal.

O mercado consumidor do cinema aumentava e conseqüentemente ganhava mais espaço no jornal (ou o contrário), certo é que, o hábito de se frequentar o cinema instituía-se na esteira do desenvolvimento da cidade. Os almeçados progresso e civilidade, traços da suposta modernidade, caminhavam juntos ao cinema, uma máquina que trazia do estrangeiro para a sociedade “elegante” da longínqua Montes Claros filmes icônicos como *Bem-Hur* (1925), *Mickey Mouse* (1928), “*The man in possession*” (1931) e

<sup>40</sup>O Operário, de 30 de setembro de 1933, p.1.

<sup>41</sup> O texto intitulado *O cinema e a civilização*, assinado por José Firmo, no jornal montes-clarense *O Operário*, é possivelmente encomendado, pois existe em muitas reportagens deste jornal a indicação de procedência da U.B.I-Rio, que supomos ser um órgão de imprensa do Rio de Janeiro que distribuía ou vendia crônicas e demais textos jornalísticos para periódicos interessados.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

*Dracula* (1931) e além de atores populares como Ramón Navarro e Greta Garbo. “O cinema trouxe novos comportamentos e influenciou a progressiva secularização do lazer. Os atores e atrizes mais famosos se tornaram modelo a ser imitado: penteados, roupas e até mesmo relações pessoais foram afetadas pela invenção” (BAÉZ; TUDELA, 2012, p.98, tradução nossa).

[...] “O galã da Noite”, uma alta comedia elegantissima, fina, cujo titulo original è “**The Man in Possession**” e de que são interpretes, tambem, Irene Purcell, Charlotte Greenwood, a mamãe pernlonga, a velhóta Beryl Mercer, o velhôte C. Aubrey Smith, etc [...].<sup>50</sup> (grifo nosso)

[...] “FEITO SOB MEDIDA”. É interessante e opportunissima a historia dessa gozadissima pellicula, onde Willian Haines e Dorothy Jordan se mostram artistas em todos os detalhes, por mais insignificantes que sejam [...].<sup>51</sup>

[...] «**Bem-Hur**», o maior espetaculo de todos os tempos! A expressão maxima da boa cinematographia, a maior gloria de **Ramon Navarro**, apparecerá no sabbado e domingo 18 e 19 deste Cine M. Claros [...].<sup>52</sup> (grifos nossos)

[...] A empreza do cine Montes Claros, reserva para o publico montesclarensense na próxima quinta-feira uma surpresa sensacional; a exhibição do formidável film “**Dracula**” que obterá certamente estrondoso successo [...].<sup>53</sup> (grifo nosso)

[...] “O JARDIM DO PECADO” Naquelle typo atrahente, alto, symphathico, de grandes e expressivos olhos negros, disfarçava-se, admiravelmente o bandido por todos temido, gatuno famigerado, autor de tantas proezas, que se chamava Harrington Hunt [...].<sup>54</sup>

[...] **Greta Garbo**, fascinadora como sempre, sedutora commoellasô, linda como nunca reaparecerá surprehendente produção «SuzanLeicox» um trabalho admiravel de longo polego [...].<sup>55</sup> (grifo nosso)

[...] – Para a proxima quinta-feira, a empreza do Cine Montes Claros reserva uma bella novidade para os seus habituaes; - a projecção de interessantissimos complementos Camondongo **Michey**. Gato Estopim, symphonias singulares, etc [...].<sup>56</sup> (grifo nosso)

“O cinema, principalmente o de Hollywood, se afirmou, desde as primeiras décadas do século XX, como mídia de massa, sendo reconhecida a sua influência para a divulgação de valores que moldam hábitos e comportamentos dos indivíduos” (RODRIGUEZ, 2005, p.1). Numa época em que os costumes das estrelas do cinema e o que eles propagavam influenciavam o mundo moderno, o hábito de fumar era tido como algo

<sup>50</sup>Gazeta do Norte, de 30 de abril de 1932, p.1.

<sup>51</sup>Gazeta do Norte, de 31 de maio de 1932, p.1.

<sup>52</sup>Gazeta do Norte, de 11 de junho de 1932, p.1.

<sup>53</sup>Gazeta do Norte, de 5 de novembro de 1932, p.1.

<sup>54</sup>Gazeta do Norte, de 14 de fevereiro de 1933, p.1.

<sup>55</sup>Gazeta do Norte, de 16 de setembro de 1933, p.1.

<sup>56</sup>Gazeta do Norte, de 13 de janeiro de 1934, p.1.

chique, reservado às pessoas civilizadas. Sobre a representação e os significados do cinema nas primeiras décadas do século XX para a vida real, Rodriguez (2008, p.28) diz que

[...] nas décadas em que os grandes astros e estrelas do cinema eram fumantes inveterados, o consumo de cigarros satisfazia não somente uma vontade fisiológica. No Brasil, por exemplo, ao comprar os cigarros Hollywood, o fumante comprava, também, a idéia do sucesso e do estrelato. Nesse sentido, ocorre a partir desse consumo uma produção de subjetividade que atribui uma significação sobre os valores relativos ao sucesso. Fuma-se por que se quer ser reconhecido partilhando do mesmo “bom gosto” das celebridades do cinema.

Porém, por mais que o tabagismo sugerisse um sinal de modernidade, uma reportagem da *Gazeta do Norte* atribuiu à produção da fumaça de cigarros no *Cine Montes Claros* como um hábito desprezível, que incomodava as mulheres, constituindo-se uma falta de educação e cavalheirismo, além de ser um risco eminente de incêndio. O jornal assumiu um discurso que se assemelha aos mais atuais, quando o fumar passou a ser um depreciador da saúde das pessoas.

Uma das coisas que mais depoem contra a civilização de nossa cidade é o systema extravagante que possuem certos cavalheiros de fumarem nas sessões do cinema. Cavalheiros ha, que deixam, parece que propositalmente, para accender o seu cigarro em plena sessão quando o salão está á cunha, e com a maior naturalidade deste mundo soltam baforadas de fumo no rosto das senhoras visinhas, incomodando-as visivelmente.

Entretando, a primeira preocupação da Empreza Paculdino foi installar no predio uma saleta apropriada para o «fumoir» e collocar em cada porta lateral uma setta apontando a sahida, justamente para não privar os fumantes do prazer do seu cigarrinho delicioso... Porém, mais vale um gosto... E elles, preferem incomodar os visinhos dos que se levantarem um momento para tão pequenina cousa. Mas essa falta de respeito é que não pôde continuar, não só por constituir ausencia de bom tom como um cavalheiro que se preza, como tambem para evitar que de um momento para o outro o cinema seja colhido por um incendio, uma vez que a fumaça obriga o operador a dar uma graduação muito forte ao projector a fim de conseguir a luz necessaria para desenrolar a pellicula.<sup>57</sup>

Num dado momento da história, os atores do cinema e o cigarro estiveram muito próximo, pois “[...] o hábito do tabagismo coloca o fumante numa condição *in*, já que ele se apresenta desfrutando do mesmo prazer das pessoas que alcançaram o êxito e que representam o sucesso” (Rodriguez, 2008, p.28). Entretanto, como o cinema era o novo, o moderno e civilizado, apesar do apelo contrário da *Gazeta do Norte*, seus filmes estrangeiros influenciavam o *modus vivendi* de quem o frequentava, e Montes Claros não fugiria a regra.

## À Guisa de Conclusão

<sup>57</sup>Gazeta do Norte, de 1º de janeiro de 1934, p.4.

Percebe-se como evidente a correlação entre o desenvolvimento da experiência do cinema na cidade de Montes Claros-MG, notadamente no que tange a aspectos como acesso, quantidade e diversidade de filmes, qualidade dos equipamentos, bem como sua permanente manutenção com a chegada do trem de ferro, no ano de 1926. O advento da modernidade permite, não sem resistências e tensões, a apropriação de um conjunto de valores e práticas que se distinguiam das vigentes no ordenamento social até então. O lazer, enquanto uma vivência distintiva, passava a ocupar lugar central no novo modo de pertencimento do cenário citadino, marcado pela urbanidade e pelo *smartismo*,<sup>58</sup> forjando desta forma identidades demarcadas no contexto social local (ir ao cinema representava, além de um hábito de divertimento, um destaque). É notório, assim, a consideração de que o trem de ferro - ele próprio já uma marca da modernidade - acelerava as relações e alavancava também outras práticas atreladas ao *ethos* modernista. É possível traçarmos uma analogia, guardada as devidas proporções anacrônicas, que o estabelecimento do trem de ferro na cidade tenha contribuído para proporcionado uma espécie de “renascença local”, com o incremento de um novo mundo que se descortinava a partir dele (com destaque aqui para o cinema e suas representações simbólicas e sociais).

Contudo, destacamos a importância de estudos complementares que possibilitem a ampliação deste cenário e, por conseguinte, de debates que apresentem relações entre a modernidade, o cinema e o trem de ferro em espaços urbanos distintos. Esperamos que outros olhares e outras questões sobre o mesmo objeto, relacionando-se com aspectos temporais e espaciais do fenômeno, potencializem sobremaneira o avançar da análise histórica e das representações elaboradas a partir da apropriação das fontes.

### Referências bibliográficas

BAÉZ, José María; TUDELA, Pérez de. *Fútbol, cine y democracia: ocio de masas em Madrid 1923-1936*. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900 - 2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRITO, Gy Reis Gomes. *Montes Claros: da construção ao progresso 1917 - 1926*. Montes Claros: Unimontes, 2006.

---

<sup>58</sup> As expressões *Smartismo* ou *smarts* referem-se às pessoas que, “[...] na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade” (SOUZA NETO, 2010, p.23).

CARVALHO, Cid Vasconcelos de. Trem e cinema: modernidade e memória. *Política & Trabalho*, João Pessoa, ed.16, p.171-184, set. 2000.

CARVALHO, Jailson Dias. As primeiras exhibições cinematográficas em Montes Claros. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v.8, n.1, p.135-138, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Representação de progresso e fundação do Cine Ipiranga: as salas exibidoras de cinema como indícios do desenvolvimento econômico e o incremento do número de expectadores nos cinemas de Montes Claros – MG (1929-1948). *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Uberlândia, v. 17, n. 2, p.33-53, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Cinema e exibição cinematográfica em Montes Claros (MG): dos primórdios à consolidação do circuito exibidor*. São Paulo: Verona, 2016.

CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. In: \_\_\_\_\_; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e invenção da vida moderna*. 2.ed. São Paulo: Cosac &Naify, 2004, p.317-334.

HANSEN, Miriam Bratu. Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e invenção da vida moderna*. 2.ed. São Paulo: Cosac &Naify, 2004, p.405-450.

HARVEY, David. *Condição pós moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KUSTER, Eliana. Desejo de cinema, desejo de modernidade. *Tempo Social*, São Paulo, v.27, n.1, p.217-237, 2015.

LUCAS, Taís Campelo. *Cinearte: o cinema brasileiro em revista (1926-1942)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

MAIA, Doralice Sátyro. O veículo do progresso nas cidades do interior do território brasileiro: a ferrovia, conductor da modernidade, do progresso e/ou uma utopia? In: XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. *Anais...* Barcelona, 2016. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/xiv-colouquio/DoraliceMaia.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

OLIVEIRA, Palmyra Santos. Algumas lembranças da minha Montes Claros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros*, Montes Claros, v.3, 2008.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros: sua história sua gente seus costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1957.

REYS, Hugo Leal Netto dos. *Álbum de Montes Claros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. *Memórias em disputa: transformando modos de vida no sertão e na cidade*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2011.

RODRIGUEZ, Miguel Angel Schmitt. O cigarro como protagonista no cinema clássico de Hollywood. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais...* Londrina, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1436.pdf>. Acesso em: jul. 2018.

\_\_\_\_\_. *Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, n.49, p.153-174, jun. 2005.

SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Luciano Pereira da; ALVES, Rogério Othon Teixeira. Estrada de Ferro Montes Claros: o projeto de modernidade que não se efetivou. *Monções*, Campo Grande, v.3, n.5, p.61-80, 2016.

SOUZA, Carlos Roberto de. Raízes do cinema brasileiro. *Alceu*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, p.20-37, jul./dez. 2007.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge *et al.* O foot-ball no sertão mineiro: diversão e modernidade nas tardes domingueiras dos campos das geraes (1916-1936). In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais...* Porto Alegre, 2011. Disponível em: <[http://rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII\\_CONBRACE/2011/index](http://rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index)>. Acesso em: mar. 2018.

VELLOSO, Antônio Augusto. Chorografia mineira (Município de Montes Claros). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, n.3, v.2, p.561-598, jul./set.1897.

VIANNA, Nelson. *Foiceiros e vaqueiros*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

VIANNA, Urbino de Sousa. *Monographia do município de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.

Data de recebimento: 22 de março de 2019

Data de aprovação: 8 de agosto de 2019